

TIPOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EXPERIMENTADAS POR usuários de crack e outras drogas

PIERRE FERNANDO TIMM¹; GABRIELA BOTELHO PEREIRA²;
MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA³

¹ Acadêmico do 4º semestre da Faculdade de Enfermagem UFPel –

pierretimm@gmail.com

² Enfermeira – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UFPel
– coorientadora - enfagabi@bol.com.br

³Doutora em Saúde Pública - Professora Ajunta da Faculdade de Enfermagem
UFPel – orientadora - mandagara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o consumo de drogas é considerado um grave problema de saúde pública. A dependência química consiste em um fenômeno amplamente divulgado e discutido, evidenciando que o uso abusivo de substâncias psicoativas é um grave problema social em nossa realidade (PRATTA; SANTOS, 2009).

Percebe-se que alguns costumes são questões culturais que partem do meio familiar. Como exemplo, as pessoas bebem para comemorar em uma festa de casamento ou na vitória de seu time de futebol. É incomum encontrar lares que não possuam bebidas alcoólicas ou outros tipos de drogas. Assim o alcance fica mais facilitado para os jovens, terem seu contato cada vez mais cedo (ROEHRS; LENARDT; MAFTUM, 2008).

Conforme Tomm e Roso (2013) as drogas nem sempre foram associadas como algo nocivo à sociedade e a seus indivíduos. Em várias culturas antigas o uso de algumas substâncias era permitido ou até mesmo estimulado. Apontando diretamente para crack, não podemos ignorar o fato de ele ser altamente prejudicial à saúde. O crack, cocaína fumada, assim como outras dependências químicas, tem elevado potencial de gerar danos em diversos aspectos da vida, traz consequências físicas, psicológicas, econômicas, sociais (HORTA, 2011).

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de corte transversal, exploratório que visou identificar os tipos de substâncias psicoativas que os usuários de drogas do município de Pelotas – RS já experimentaram.

Este estudo é parte integrativa do projeto de pesquisa “Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso” o qual foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) edital MCT/CNPq nº 041/2010.

Foi obtida uma amostra estratificada dos serviços da estratégia Redução de Danos e CAPS AD, que teve por objetivo estimar a proporção de usuários de drogas no município, para o cálculo, utilizaram-se as informações fornecidas pelo sistema de informação dos serviços. A prevalência de usuários de drogas foi desconhecida ($p = 0,50$), admitiu-se um erro amostral de 4% ($d=0,04$), sob o nível de confiança de 95% ($\alpha = 0,05$), o número de elementos em cada estrato foi

proporcional ao total de usuários cadastrados nos Programas Redução de Danos (N=5.700) e CAPS Ad (N=200). O n encontrado foi alocado proporcionalmente aos respectivos estratos (n=545), acrescentou-se 10% para substituição de perdas eventuais. A amostra final foi constituída por 681 usuários sendo 505 entrevistas válidas e 176 recusas. Do total de entrevistas válidas, 436 sujeitos pertenciam à estratégia RD e 69 ao CAPS AD. A sistemática de seleção adotada foi o sorteio direto nas bases de dados do CAPS Ad e da Estratégia Redução de Danos.

Para o presente estudo, foram selecionadas as seguintes variáveis: uso em vida de drogas e frequência do uso de álcool, tabaco, crack, cocaína, maconha, LSD e benzina. Os questionários aplicados foram codificados pelo entrevistador e revisados pelos coordenadores. Os dados foram digitados através do gerenciador de banco de dados Microsoft Access v.2003.

A análise dos dados foi realizada utilizando o software STATA v.12 e a pesquisa obedeceu aos princípios éticos da Resolução COFEN nº 311/2007 e resoluções 196/96 e a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas de Pelotas recebendo o parecer nº 301/2011.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Tipos de substâncias psicoativas que os usuários de drogas já experimentaram. (n=505)

	Uso em vida de drogas	Frequência	%
Álcool			
Não		19	3,8
Sim		477	94,5
Não informou		9	1,7
Tabaco			
Não		92	18,2
Sim		402	79,6
Não informou		11	2,2
Crack			
Não		370	73,3
Sim		135	26,7
Cocaína			
Não		296	58,6
Sim		199	39,4
Não informou		10	2,0
Maconha			
Não		233	46,1
Sim		256	50,7
Não informou		16	3,2
LSD			
Não		449	88,9
Sim		40	7,9
Não informou		16	3,2

Benzina

Não	423	83,7
Sim	71	14,1
Não informou	11	2,2

Fonte: Projeto de pesquisa “Perfil dos usuários de crack e padrões de uso – 2014”

Percebe-se que conforme demonstrado na tabela acima, no período estudado, entre os usuários de álcool, crack e outras drogas, a substância mais frequentemente experimentada foi o álcool com 94,5% (n=477), seguido por tabaco 79,6% (n=402), maconha 50,7% (n= 256) e cocaína 39,4% (n=199). Nota-se uma fração relevante dos usuários que já experimentaram crack, totalizando 26,7% (n=135).

A prevalência de dependência de álcool na população geral brasileira segundo o II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil (2007), é de 12,3%, sendo 19,5% de homens e 6,9% de mulheres. O mesmo levantamento ainda verificou que 22,8% da população já haviam usado algum tipo de droga, excluindo álcool e tabaco e que a porcentagem de dependência é de 10,1% para tabaco, 1,2% para maconha, 0,5% para benzodiazepínicos, 0,2% para solventes e 0,2% para estimulantes (CARLINI et al, 2007).

Segundo o Relatório Brasileiro sobre Drogas (2009), o uso na vida de qualquer droga, exceto álcool e tabaco, foi de 19,4% em 2001 e de 22,8% em 2005. De 2001 para 2005, houve aumento nas estimativas de uso na vida de álcool, tabaco, maconha, solventes, benzodiazepínicos, cocaína, estimulantes, esteroides, alucinógenos e crack; e diminuição, nas de anticolinérgicos. Os homens apresentam maior prevalência de uso na vida de álcool, tabaco, maconha, solventes, cocaína, alucinógenos, crack, merla e esteróides, enquanto que as mulheres apresentam maiores usos de estimulantes, benzodiazepínicos, anorexígenos e opiáceos.

O uso do álcool impõe às sociedades de todos os países uma carga global de agravos indesejáveis e extremamente dispendiosos, que acometem os indivíduos em todas os domínios de sua vida. A reafirmação histórica do papel nocivo que o álcool nos oferece deu origem a uma gama extensa de respostas políticas para o enfrentamento dos problemas decorrentes de seu consumo, corroborando assim o fato concreto de que a magnitude da questão é enorme, no contexto de saúde pública mundial (BRASIL, 2003).

Carlini et al (2007) demonstraram que o uso na vida de maconha na população adulta é de 8,8%, de cocaína 2,9% e de crack 0,7%.

As prevalências encontradas no presente estudo são maiores do que na população em geral por tratar-se de amostra de usuários de crack, álcool e outras drogas, porém não menos importantes, por sugerirem codependências e associações que poderão ser abordados em estudos futuros.

4. CONCLUSÕES

Pesquisas que demonstrem prevalências de consumo de substâncias psicoativas são de extrema importância no planejamento de ações de prevenção e promoção da saúde. É necessário conhecer melhor a população em geral e em especial a de usuários de substâncias psicoativas, em relação às drogas já experimentadas a fim de aprimorar cuidados específicos e melhorar políticas

públicas, tanto em relação às drogas ilícitas, como às lícitas, também prejudiciais e causadoras de transtornos físicos, psíquicos e sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas** / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. IME USP. **Relatório brasileiro sobre drogas**. Brasília: SENAD, 2009.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; et al. **II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia, UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 468 p., 2007.

HORTA, R. L. et al. Perfil dos usuários de crack que buscam atendimento em Centros de Atenção Psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, p. 2263-2270, 2011.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A.; O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 203-211, 2009.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. A.; Práticas Culturais Familiares e o Uso de Drogas Psicoativas pelo Adolescente: Reflexão Teórica. **Escola Anna Nery de Enfermagem. Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 353- 357, 2008.

TOMM, E.; ROSO, A.; Adolescentes e Crack: Pelo caminho das pedras. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 675-692, 2013.